

Os industrializados divergem sobre ampliação de créditos

WASHINGTON - O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, afirmou ontem que está encontrando dificuldades para decidir como os países industrializados vão destinar maiores recursos para a chamada linha de crédito estrutural da instituição. Mas disse ter esperança de que até o final do ano chegará a um acordo para triplicar os fundos disponíveis para as nações mais pobres.

A elevação da linha de crédito para cerca de US\$ 12 bilhões, que tem o apoio do comitê interino encarregado de traçar a política do FMI, visa, principalmente, ajudar nações africanas. Trata-se de em-

préstimos de longo prazo, com taxa anual de juros de apenas 0,5%.

O grupo dos sete países industrializados apoiou, na cúpula de Veneza, o aumento desses recursos, mas há divergências sobre como fazê-lo. Os Estados Unidos alegam seu grande déficit comercial e atribuem àqueles que têm superávit, como Japão e Alemanha, a tarefa de transferir capitais para o FMI.

O Japão e outros países levantaram a hipótese de que o Fundo venda parte de suas reservas em ouro (US\$ 46 bilhões), mas a alternativa parece não ter encontrado suficiente apoio. O ministro de Finanças da Holanda, Onno Ruding, presidente do

comitê interino, disse não ser provável que se recorra à venda do ouro.

Camdessus afirmou que os países com superávit ou déficit e também aqueles recentemente industrializados, como alguns da Ásia, deveriam contribuir com o Fundo. A França também pediu o aumento dos fundos e o ministro Edouard Balladur insistiu em que o Ocidente tem a obrigação de atuar de acordo com a cúpula dos países industrializados.

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, disse recentemente que um aumento de capital do Banco Mundial deveria preceder a um incremento de fundos do FMI.